

D. JOÃO DA CÂMARA

TEATRO COMPLETO

I



MMVI

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Título:* Teatro Completo  
Vol. 1

*Autor:* D. João da Câmara

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Paula Lobo

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Abril de 2006

*ISBN:* 972-27-1407-4

*Depósito legal:* 235 272/05

D. JOÃO DA CÂMARA

---

# TEATRO COMPLETO

---

I

Pesquisa, organização, introdução e notas  
de RITA MARTINS

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2006

## D. AFONSO VI

Drama em 5 actos

Representado, pela primeira vez, no Teatro de D. Maria II, em 12 de Março de 1890. Distribuição de actores: El-Rei — *Eduardo Brasão*; Infante — *Ferreira da Silva*; Conde de Castel-Melhor — *João Rosa*; Simão Peres — *Augusto Rosa*; Duque de Cadaval — *Maia*; Marquês de Cascais — *A. Santos*; Conde da Torre — *Baptista Machado*; D. Rodrigo de Meneses — *C. Posser*; António de Macedo — *C. O'Sullivan*; Padre Nuno — *Bravo*; Frei Valério — *Silva*; Frei Fernando — *n. n.*; Frei João — *n. n.*; Braz — *Augusto Antunes*; Mendigo — *Ferreira*; Cega — *n. n.*; Coxo — *Pinheiro*; Maneta — *Silva*; Oficial — *Tarujó*; António — *Bravo*; António de Belém — *Pinheiro*; Escrivão — *Ferreira*; Rainha — *Rosa Damasceno*; Madalena — *Amélia da Silveira*; Calcanhares — *A. Bresd'lind*; Soror Benedita — *Emília Cândida*; Mendiga — *Amélia Viana*; Açafata da Rainha — *Amélia O'Sullivan*.



# IMPÉRIO DE MARIA



II. João

INFORMES  
RAIMUNDO DIAS  
II. Afonso VI

# II. Afonso VI.



DA CAMARA



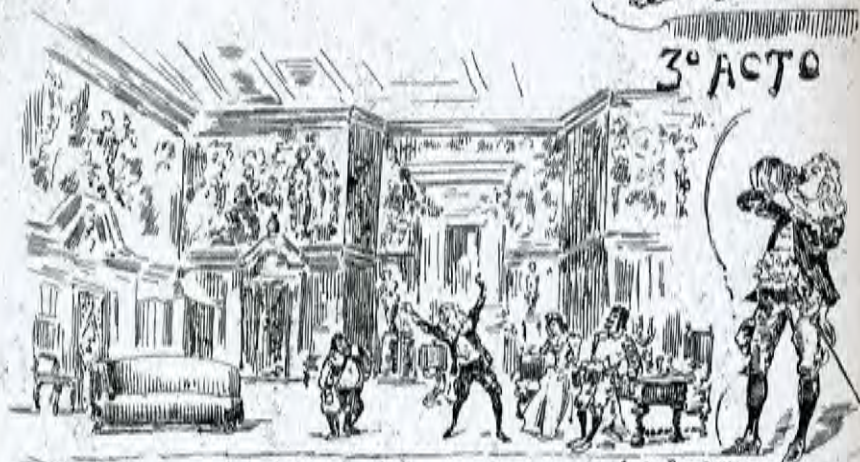
# THEATRO DE D. MARIA

D. AFFONSO VI, DRAMA HISTORICO EM CINCO ACTOS,  
POR D. JOÃO DA CAMARA

## 1º ACTO



## 3º ACTO



## 4º ACTO



## D. AFONSO VI

### PERSONAGENS:

EL-REI  
INFANTE  
CONDE DE CASTEL-MELHOR  
SIMÃO PERES  
DUQUE DE CADAVAL  
MARQUÊS DE CASCAIS  
CONDE DA TORRE  
D. RODRIGO DE MENESES  
ANTÓNIO DE MACEDO  
PADRE NUNO  
FREI VALÉRIO  
FREI FERNANDO  
FREI JOÃO  
BRAZ, tratador dos cães d'El-Rei  
Um MENDIGO, velho  
Uma CEGA  
Um COXO  
Um MANETA  
Um OFICIAL  
ANTÓNIO, taberneiro  
ANTÓNIO DE BELÉM, juiz do povo  
O ESCRIVÃO do juiz do povo  
RAINHA  
MADALENA, sobrinha de António, taberneiro  
A CALCANHARES  
SOROR BENEDITA  
Uma MENDIGA, velha  
Uma AÇAFATA da Rainha  
Fidalgos, frades, freiras, soldados,  
membros da Casa dos Vinte e Quatro, criados, povo, etc.

Lisboa, 1667.



## ACTO I

*Um pequeno largo. Do lado esquerdo, a casa de Simão Peres fazendo esquina; na frente para o espectador, e no primeiro andar, uma janela; na frente para o palco, uma porta sobre uma pequena escada e outra janela, no primeiro andar. Do lado direito, a taberna de António; na frente para o espectador, uma janela; na frente para o palco, a porta. Ao fundo, o muro do jardim do Conde de Castel-Melhor; ao centro, uma pequena porta. À direita, vê-se uma parte da casa do Conde ligada por meio dum arco com o resto da casa que pega com a taberna de António. Esta parte da vista corta o ângulo da direita. Sob o arco passa a rua, que atravessa o largo, e segue depois entre o muro do jardim e a casa de Simão Peres.*

*É noite. À porta da taberna de António está suspensa uma lanterna que ilumina a cena.*

### CENA I

SIMÃO PERES, ANTÓNIO e MADALENA

*(Simão Peres e António conversam de pé, à boca da cena; Madalena está sentada à porta da taberna.)*

SIMÃO PERES

Então quem pôde ver El-Rei quando saía?

ANTÓNIO

Estes olhos que a terra há-de comer um dia.

SIMÃO PERES

É verdade, confesso; El-Rei, meu grande amigo, Honrou-me esta choupana e conversou comigo Sobre a paz, sobre a guerra, assuntos desta laia.

ANTÓNIO

*(maliciosamente)*

E desde quando usais mantilha negra e saia?

SIMÃO PERES

Até viste a mulher! Um conselho, Antonico:  
Olhaste como um lince, agora cala o bico.

ANTÓNIO

Um segredo real!... Um crime se falasse!

SIMÃO PERES

Um crime, tens razão, vergonha dessa face.  
Eis o caso: El-Rei D. Afonso, meu Senhor,  
Há dias, conversando: — «Amigo, é de supor  
Conheças na cidade um sítio mais discreto  
Em que às damas gentis eu mostre um puro affecto.»  
— «Senhor, sei», respondi. — «Que tal de vizinhança?»  
Pergunta El-Rei depois. E, tendo-te em lembrança,  
Então falei de ti como na ausência falo,  
Jurando não saber de mais fiel vassalo.

MADALENA

*(levantando-se)*

Comeis de um vil mister. Nós somos gente honrada.

SIMÃO PERES

Falaste muito bem! Gostei dessa estocada.  
Achas tu que é vergonha El-Rei servir em tudo,  
E açulas contra mim teu tio a quem ajudo,  
Um tio, e quase um pai, tutor e teu padrinho!

*(Para António.)*

Desgostos de família afogam-se em bom vinho,  
E eu vou beber do teu.

ANTÓNIO

Senhor...! E a vossa conta?

SIMÃO PERES

Ah! Traidor! Usurário! Ouviste aquela tonta!  
Tens andado com sorte e não porque a mereças,  
Mas é costume seu pairar sobre as cabeças  
Dos tolos, dos vilões, dos cães e dos tendeiros.  
A sorte vai mudar, que são maus companheiros  
Os segredos d'El-Rei.

ANTÓNIO

Senhor, que me assustais!...

SIMÃO PERES

Sentido!, ou sonharás com pontas de punhais,  
Tições da Inquisição, peçonhas e tormentos,  
E hás-de acabar por fim a baloiçar aos ventos,  
De corda no gasnete esse odre de miséria.  
Um segredo real é coisa muito séria.  
Jogaste, como burro, um formidável coice...  
Perdeste o meu favor, porque a paciência foi-se.

ANTÓNIO

Culpa minha não foi... Da porta da taberna  
Lobriguei tão-somente a sombra duma perna.

SIMÃO PERES

Pois, vista a contrição, falemos doutro assunto.  
A respeito d'El-Rei mais nada te pergunto.  
Vai lá buscar o vinho e, se ofender-te pude,  
Arrependido, vou fazer-te uma saúde.

MADALENA

Que servidor leal! Só joga, bebe e dorme!

ANTÓNIO

Senhor, já vos falei na vossa conta enorme.



## SIMÃO PERES

Tens razão... Pois paciência...! É sina da honradez  
Aos relentos dormir, jantar de mês a mês.  
Se eu fora, qual os mais, vestido de interesse,  
Ofuscaria tudo onde hoje apparecesse.  
Se queres perguntar... foi bem sabido o caso;  
Em plena luz do sol, em campo extenso e raso,  
Ninguém pode ocultar façanhas de tal ordem.  
Embora os espanhóis e os nacionais concordem  
Que seja illusão pura o ver-se um homem só,  
Ao dar co'um terço em marcha, esfrangalhá-lo em pó...  
Eu fui qual um gigante, um forte doutras eras!  
Na espada tinha um raio, arfava como as feras!  
Não quero exagerar; é certo que supponho  
Ter sido grande ajuda um temporal medonho:  
Se do terço espanhol nem há sequer indícios,  
O vento espalhou muito os últimos resquícios.  
D. João d'Áustria escreveu-me: — «Amigo, sede nosso.»  
E eu só lhe respondi: — «Sou português, não posso.»  
— «Ministro eu vos farei. Se é pouco, se não chega,  
Em Madrid vos outorgo a mais copiosa adegá.»  
E respondi que não, que não com mil protestos,  
Seguindo como exemplo os homens mais honestos.  
Por isso não sou mais que o pobre Simãozinho,  
Órfão de pai, de mãe, sem lar, sem pão, sem vinho.  
É triste a minha história, é triste na verdade...  
Dá-me um copo de vinho... Imploro a caridade!

## MADALENA

Co'o lábio que mentiu sujais tão santo nome.

## SIMÃO PERES

Perdi-me pela pátria e Deus abandonou-me!

## ANTÓNIO

De pão, sardinhas, queijo e vinhos delicados  
Deveis, senhor Simão, bons trinta e dois cruzados.

SIMÃO PERES  
(*tirando a espada*)

Duma zurrapa vil trinta e duas patranhas!  
Por tolo é que falaste e por tolo é que apanhas.  
Judeu! Ladrão! Má sorte a vida me persiga,  
Se não vou já sacar-te o vinho da barriga.

MADALENA  
(*segurando o pulso de Simão Peres*)

Cuidado! Que fazeis? Quem teme a vossa espada?

SIMÃO PERES  
(*deixando cair a espada e soprando no pulso*)

Era pedir o mesmo e ser mais delicada...!  
Sinto o pulso a estalar!

MADALENA

Valente Simão Peres!

ANTÓNIO

Ouço gente... Caluda!

SIMÃO PERES  
(*levantando a espada*)

O diabo são mulheres.

## CENA II

**SIMÃO PERES, ANTÓNIO, MADALENA, BRAZ,  
a CALCANHARES e dois moços**

(*A Calcanhares vem numa cadeirinha muito fechada, que trazem dois moços. Braz adiante conduzindo-os. Entram por debaixo do arco.*)

BRAZ  
(*para os moços*)

Aqui.

*(Aproximando-se de Simão Peres.)*

Senhor Simão...

SIMÃO PERES

Quem vive?

BRAZ

A Calcanhares.

SIMÃO PERES

*(abrindo a porta da cadeirinha)*

É pois Vossa Beleza! A Vénus dos altares  
Que vem de tanta luz à choça dum mendigo!

CALCANHARES

*(saído e a rir)*

É doido este Simão que fala assim comigo.

SIMÃO PERES

*(com muita ênfase)*

A deusa da Beleza! A deusa da Vitória!

*(Baixo, mostrando-lhe António e Madalena.)*

Produzem belo efeito as galas da oratória.

CALCANHARES

*(baixo, apontando para António)*

Tenho um touco temor d'insídias contra mim.

SIMÃO PERES

És a amante real! Dispensas o latim  
Do padre e sacristão; no mais és a rainha,  
Pelo menos d'El-Rei, pelo menos a minha.

CALCANHARES

Bem me há-de isso prestar, se tudo se descobre.



SIMÃO PERES

Mas agora ouve cá: na bolsa não tens cobre?

CALCANHARES

*(rindo)*

O que é feito d'El-Rei?

SIMÃO PERES

*(para Braz)*

Tu sabes onde pára?

BRAZ

Quereis que vá chamá-lo?

SIMÃO PERES

Inteligência rara!

Vai num pé, volta noutro.

*(Braz, depois de ter feito um sinal aos moços, que saem com a cadeirinha, entra na quinta do Conde pela porta pequena do muro.)*

E vós, minha senhora,

Na humilde choça entrai, tão negra se não fora

O resplendor da luz que nesse olhar me tenta.

Aceitais o meu braço?

*(Dá o braço à Calcanhares, conduzindo-a majestosamente até defronte de António.)*

António, cumprimenta.

*(António cumprimenta e Simão Peres pára novamente defronte de Madalena.)*

Bonina deste vale, tens desta flor vergonha?

MADALENA

Flor da lama, que nutre um sapo de peçonha.

SIMÃO PERES

*(virando rápido)*

Invejas!...

CALCANHARES

E é tão feia!

SIMÃO PERES

E bruta.

CALCANHARES

Uma indecente.

SIMÃO PERES

*(à porta de casa)*

Uma pergunta só, não sendo impertinente:  
Quantos homens amaste... assim com certo afinco?

CALCANHARES

Indiscreta pergunta!

*(Rindo e confidencialmente.)*

El-Rei foi cento e cinco.

Aqui tens.

*(Dá uma bolsa a Simão Peres.)*

Devagar subindo, chego aos reis.

SIMÃO PERES

*(com um respeito exagerado, beijando a mão da Calcanhares)*

Desce um pouco depois... Que eu seja o cento e seis.

### CENA III

SIMÃO PERES, ANTÓNIO e MADALENA

MADALENA

Santo par!

SIMÃO PERES

*(mostrando a bolsa)*

Eis, enfim!

ANTÓNIO  
(*abraçando-o*)

Não mais vos apoquento.

SIMÃO PERES

Vou mais vinho beber que todo um regimento!

ANTÓNIO

Que senhora tão santa!

SIMÃO PERES

O vinho!

ANTÓNIO

Que beleza!

SIMÃO PERES

O vinho!

ANTÓNIO

Mas que porte!

SIMÃO PERES

(*fazendo tinar o dinheiro na bolsa*)

O vinho!

ANTÓNIO

(*contemplando a bolsa*)

E que riqueza!

SIMÃO PERES

O vinho!



ANTÓNIO

Porquê?

*(Torna a beber.)*

Se ele hoje paga tudo?

*(Até ao fim da cena a caneca passa de mão em mão.)*

MADALENA

Duma abjecta cilada eu toda tremo agora.  
Ao bezerro no altar curvai-vos muito embora.  
É d'oiro! O diabo é deus! Na sombra que dardeja  
As serpentes dão mel e um gordo sapo adeja...  
Mas livrai-me dos maus, sois homem, sois mais forte,  
Que onde houver a desonra, hei-de encontrar a morte!

SIMÃO PERES

Palavra, falas bem! Que espanto não me fazes!  
Quem foi que te ensinou tão fantasiosas frases?  
Não certo algum tratante aos urros na taberna,  
Nem foi nenhum soldado a beliscar-te a perna.

ANTÓNIO

*(muito embriagado)*

Lembranças lá do paço.

MADALENA

*(indignada, para António)*

Ouvistes?

SIMÃO PERES

Que oratória!

ANTÓNIO

A mana, que Deus tenha em sua santa glória,  
Foi da Rainha-mãe criada mais valida;

A pequena era um mimo ali passando a vida,  
Era um Sant'Antoninho onde é que te porei,  
Era a jóia do paço, os amores d'El-Rei.

*(Solenemente.)*

A sorte neste mundo é como um cata-vento.

SIMÃO PERES  
*(aplaudindo)*

Muito bem, muito bem!

ANTÓNIO  
*(para Madalena, com uma ternura avinhada)*

A paz do teu convento  
Deixaste, pobre anjinho, à morte da Rainha,  
E a lida na taberna assim te pôs na espinha!

SIMÃO PERES

És linda!

MADALENA

Que te importa?

SIMÃO PERES

E pura!

MADALENA

Assim me creio.

SIMÃO PERES

Fosse eu gentil donzela em vez dum homem feio,  
Vendia-me.

MADALENA

Ignomínia!

SIMÃO PERES

Ao preço do mercado.

MADALENA

Se eu vendo o meu pudor, tu compras um pecado;  
Viste azul, compras negro, e louco me transmudas.  
Agora és comprador, um dia, como Judas,  
Tu venderás também. Cautela nesse dia;  
Quem o oiro ao crime induz co'a morte o crime expia.

*(Outro tom.)*

Ó meu Rei, foste bom! À pomba que adejava  
Quem lhe as asas cortou? quem dela fez escrava?  
Pode uns olhos cegar o mais subtil argueiro,  
Pode esconder um astro a mão dum carvoeiro!

SIMÃO PERES

*(como quem medita. Irónico)*

Astro oculto... pombinha imaculada e pura!...  
Amas El-Rei!

MADALENA

Demónio!

SIMÃO PERES

É simples conjectura.

ANTÓNIO

Sinto passos, caluda!

SIMÃO PERES

Apaga essa lanterna.

ANTÓNIO

*(tirando a lanterna e apagando-a)*

É talvez a patrulha.



SIMÃO PERES  
(empurrando António e Madalena)

Entremos na taberna.

(Entram na taberna, cuja porta fecham. Escuridão completa.)

#### CENA IV

INFANTE, DUQUE DE CADAVAL, MARQUÊS DE CASCAIS, CONDE DA TORRE,  
D. RODRIGO DE MENESES, outros fidalgos, criados, dois mulatos  
e depois ANTÓNIO e SIMÃO PERES

(Entram vagarosamente, muito embuçados. Os dois mulatos trazem lanternas de furta-fogo com que observam o largo e que depois apagam.)

DUQUE

Ninguém.

D. RODRIGO

Vejamos sempre.

CONDE DA TORRE

Olhai, se vos parece.  
Onde estou nunca há medo.

D. RODRIGO

A noite favorece,  
É negra como breu.

DUQUE

Prudência!

CONDE DA TORRE

Demasiada,  
Fatal a havemos tido.